

## VIVENDO LIBERDADES EM CARTAS DE MILITÂNCIA

Maria do Socorro de Sousa Araújo\*

Para efeito de compreensão, esse texto tem como fontes documentais correspondências pessoais que possibilitam, pela leitura dos conteúdos e interpretação de seus enunciados, a reconstrução de aspectos de uma experiência político-social trágica vivenciada por uma jovem estudante, entre os anos de 1964 e 1974. Essas cartas pessoais, produzidas entre os anos de 1972 e 1974, foram trocadas entre Jane e Dulce Vanini, e encontram no restabelecimento das relações familiares, uma das fortes razões de existirem. Trata-se especialmente de duas irmãs, uma delas, autora e remetente, Jane Vanini, que, na época vivendo politicamente clandestina em Santiago-Chile, faz de suas correspondências, entre vários outros sentidos, o reatamento de laços afetivos com sua família.

Num total de trinta e sete cartas, Jane destinou grande parte delas a Dulce, sua irmã mais velha, a quem tratava afetivamente de “Madrinha” e que, naquele período, na condição de funcionária da empresa Mappin S/A, residia em São Paulo-capital. Embora Dulce tenha sido a receptora das cartas, Jane também endereçou correspondências a outros destinatários como irmãos, pais, sobrinhos, cunhados e tios.

O ato de escrever e trocar cartas são práticas antigas, produtoras de múltiplas sensações que, num sentido primeiro, geram ao mesmo tempo um prazer por parte do autor e uma ansiedade por parte do receptor. Na dimensão desse espaço existente entre o que se escreve e o que se lê, é fundamental compreender os significados que aparecem entre o conteúdo de um texto e os efeitos que ele tende a produzir.

O leitor, por sua vez, tem uma capacidade de interpretação que é adquirida através do conjunto de aspectos normativos, legitimadores de comportamentos sociais, cujos princípios

---

\* Professora do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

caracterizam a maneira de pensar de uma dada época. Assim, o leitor não absorve uma leitura balbuciando palavras ou com um olhar silencioso sobre o texto, mas na relação que ele estabelece entre suas competências individuais já internalizadas e a mensagem que o texto, no seu todo, disponibiliza. A relação leitor *versus* escrita “supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa”, afirma Chartier.<sup>1</sup>

É com essa complexidade que se dispensa uma atenção especial para a intertextualidade das cartas que contempla ao mesmo tempo as experiências plurais de Jane Vanini, cujos relatos, cheios de “veredas”, ao exibirem um olhar militante sobre aquele mundo, permitem também vários olhares sobre o mundo dos militantes.

Para Jane, escrever cartas aparece como uma necessidade, uma vez que elas se apresentam como o lugar que sacraliza sua individualização, por conseguinte, o espaço que assegura sua identidade. As correspondências são mundos passíveis de exibirem a singularidade de Jane que aparece encarnada no corpo de cada escrita, ora reconhecendo-se como revolucionária, ora circunscrita a si mesma. Esses são os lugares de construção de identidades, pois permitem que Jane Vanini reconheça-se na sua própria trama. Já para a família, a carta, enquanto objeto, tem o sentido de vida possível; enquanto conteúdo imprime a essência humana da pessoa ausente. Cada carta enviada e recebida expressa, sobretudo, a costura pausada de uma cumplicidade estabelecida entre a remetente e os destinatários. Em outros momentos, as cartas são também maneiras de expressar as saudades e o vínculo afetivo que a acompanham como sombras de vida e que, quase sempre, começam ou terminam o noticiado de cada carta:

Querida Madrinha:

Muitas saudades. Tenho uma vontade enorme de estar com vocês. Houve uns dias que passei meio na fossa. Não muito porque não posso permitir-me êsses luxos. Já tinha recebido sua carta junto com a do Papai mas queria estar sem ‘meias’ fossas para poder escrever. Hoje eu o estou fazendo. Aliás interrompi aqui esta carta porque acabo de receber outra carta, do dia 23 de abril com as fotos. Como estão diferentes as ‘crianças’. Os grandes não tanto. A senhora sempre enxutinha, né? Os cabelos dos nossos pais sim que estão mais brancos. Que saudades! [...] Sonhei muito com vocês estes dias. Pensei

que sua carta me fôsse dizer que a senhora estava por aqui. [...] não deixe de escrever-me, tá? Depois respondo tudo junto. Queria vê-los. Morro de saudades. Tenho Banzo. Eu os quero muito, abraços. (carta 34)<sup>2</sup>

Apesar de um tempo policialesco, que viola os direitos de cidadania das pessoas, Jane aposta na possibilidade de algumas cartas não serem interceptadas pela censura. Encontra junto a Dulce o “jeito” do envio e recebimento através do qual consegue estabelecer uma comunicação direta com seus correspondentes:

Melhor que escrevam 2 vezes por se acaso uma se extravia. (carta 02 )

O Mário recebeu outro dia uma carta de Dona Maria em que ela diz que não estão recebendo cartas. Eu tenho escrito sempre com muita regularidade. [...] As cartas que vocês me mandam chegam no máximo com uma semana desde o dia em que colocam no correio. Em geral elas vem reengomadas, quer dizer que a abriram e tornaram a fechar. [...] Estou numerando as cartas. Esta vai ser a número 1 pode ver no canto a direita, em cima. Até agora já escrevi, no total umas 18 cartas (incluindo a de Nícia). Espero que tenham recebido todas. (carta 10)<sup>3</sup>

Quando me escreverem colem a carta somente com a cola que vem no envelope, porque se vem mais cola que essa já sei que foi aberta no correio. (carta 12)<sup>4</sup>

Embora os conteúdos dessas cartas também revelem aspectos da luta de militância, eles mostram que o regime vigente, no que diz respeito ao controle da política, apesar das propagandas e da sistemática militarista, não impediu que a capacidade criadora da mente revolucionária construísse outras formas de sobrevivência. Como pode-se notar nos trechos acima citados, códigos, datações e duplicidade de correspondências são algumas maneiras que Jane elabora para circular num espaço totalmente personalizado.

Durante quase cinco anos, Jane vive inevitavelmente clandestina. Para uma militante clandestina, mais do que para qualquer outra pessoa, escrever cartas também toma um sentido de encurtar distâncias geográficas e físicas, além de estabelecer um fio condutor de relações e sensibilidades. Há, no entanto, um espaço de sedução desenhado pela busca de si mesma e pela conquista do outro, pela personificação dos conteúdos e pelos segredos. A indistinção entre remetente, narradora e autora e a flutuação entre a imaginação utópica e a ação

experimentada, revela, sobretudo, a ansiedade que permeia a vontade de ser revolucionária, a convivência com as incertezas e a opção de continuar lutando.

Por intermédio das cartas observa-se que há vários atores sociais em Jane, que se misturam e se cruzam indistinta e simultaneamente sobre várias figuras: a narradora, a militante, a guerreira, a filha, a irmã, a nora, a mulher, a companheira, a tia, a cunhada, a revolucionária, a “camarada”, etc.

As circunstâncias da clandestinidade levam o revolucionário a pensar muitos aspectos da militância política, a partir de um direcionamento pessoal, ou seja, exigem a invenção de múltiplas formas de sobrevivência, pois convive-se simultaneamente com o medo e a coragem, com um imaginário projetado e um cotidiano muito adverso, com a solidão insuportável e o apoio disponível, com o companheirismo possível e o individualismo necessário, com a possibilidade de superação e a incerteza de alcançá-la. Nesse caminho, é aceitável pensar que a camuflagem das identidades, encarnada em cada subscrição que Jane registra, esconde e revela muita *coisa*, cujos *mistérios* levam o leitor a construir diversas interpretações transitando por espaços multidimensionais.

As pessoas têm maneiras muito singulares de se apropriar do conteúdo de um dado texto. Para R. Chartier, um conjunto de normas, regras, convenções, códigos e percepções são aspectos constituidores do leitor-indivíduo e o identifica como pertencente a uma comunidade interpretativa própria.<sup>5</sup> São essas características que norteiam a relação estabelecida entre a materialidade da escrita e a corporeidade sócio-cultural que o leitor comporta. Assim, a escrita nunca é algo onipotente, ou seja, a inscrição das palavras no texto de uma carta, por exemplo, não transfere o sentido para o leitor, mas é este que, com sua capacidade interpretativa e na relação com o que está escrito, elabora a construção dos sentidos. Um texto não traz o sentido, produz sentidos.

Portanto, as cartas da militante não são redutíveis às estratégias de persuasão que sugerem demonstrar nos seus enunciados. As palavras são trilhas que constituem um mundo

particular, construído para que Jane possa habitá-lo livremente. Elas, as cartas, são verdades vividas. São os espaços da vida normal, para além da normalidade de escrever, sobretudo quando são produzidas e enviadas numa condição de vida anormal - a clandestinidade.

Para Dulce, receptora de todas as correspondências da irmã, havia sempre uma angústia contínua que se debruçava sobre o tempo da espera e o conteúdo de cada missiva. A carta, como representação de vida, produz uma pluralidade de significados e formas de apropriações. Ela emite recepções paradoxais e inéditas, tais como certezas e dúvidas. Quem escreve pode inventar sua trama com a finalidade de produzir determinados efeitos; e quem lê, mesmo acreditando no conteúdo, por se tratar de um presente que não é mais presente, atualiza aquele passado, todavia com as incertezas do *agora*, pois ele, o *agora*, pode traduzir-se numa estratégia de fuga: *...por mais que eu lesse o conteúdo da carta eu achava que ela (Jane) estava passando dificuldades e não queria me falar, pois sabia o quanto eu me preocupava com aquela situação que ela vivia*, lembra Dulce A. Vanini.<sup>6</sup>

Nesse sentido, a carta incorpora segredos porque, enquanto objeto, ela é portadora de signos que produzem impressões processadas na memória voluntária. Esta procede por instantâneos e busca o segredo das impressões no próprio objeto. *... essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes.*<sup>7</sup>

Entender essas tensões é aceitar que o tempo da clandestinidade é o da experiência vivida e também o da invenção do fazer. Como pode-se perceber, nas lembranças de Suzana Lisboa, esse é um tempo emocional, descontínuo:

*A intensidade das coisas que a gente vivia naquela época era tal que você podia, alguém já falou nisso, que você, num minuto, sentia emoções como se tivesse vivido um ano; a intensidade das emoções que a gente vivia era muito grande. Só o fato de você está o tempo inteiro convivendo com a morte já é uma coisa que traz uma montanha de sensações e o período que por ventura a gente ficava juntos ele assumia uma dimensão muito grande porque o convívio era muito intenso; você viver com um companheiro e partilhar as mesmas emoções... quer dizer eles (Jane e Sérgio) eram um casal jovem, assim como nós, que estava jogando pela janela um futuro pensando na liberdade de seu país.*<sup>8</sup>

O tempo de cada carta - para quem escreve - está no assunto que, embora queira parecer um presente, é sempre de um passado que trata - para quem recebe. *“O hoje da recepção e da leitura vêm sempre depois do hoje da escrita e depois do hoje do envio, que agora já é um ontem e esses dois hojes já sendo defasados no tempo, contem a possibilidade quase certa de aquilo que nas cartas se lê, já não é mais o que está acontecendo.”*<sup>9</sup>

Nesse sentido, a brusca incidência que o passado faz sobre o presente permite que sejam compreensíveis as incertezas e as inquietações de Dulce, pois o tempo de escrever da remetente e o tempo da receptora ler as cartas aparecem distintos. As sensações aflitivas de Dulce tendem a lhe produzir impactos emocionais de maiores proporções, tendo em vista que a multiplicidade desses tempos não lhe possibilita conhecer o presente simultâneo da irmã que escreveu a carta.

A carta é uma representação simbólica da vida, mas só adquire este sentido na troca das correspondências, pois é na relação entre remetente e destinatários que se processam as identidades das pessoas envolvidas. Essa operação de identidades acontece na mediação dos assuntos que, por sua vez, estabelece o diálogo íntimo e espontâneo entre os correspondentes.

Nessa perspectiva, a correspondência que transita no espaço criado entre remetente e destinatário produz muito mais forte um efeito de presença que de ausência. Embora uma carta possa imprimir as marcas da ausência de alguém, a letra, o assunto, o traço e o estilo de escrevê-la são representações autênticas de sua criatura. Foucault apud Werneck<sup>10</sup> apresenta essa simbologia afirmando que *a carta torna o escritor ‘presente’ em relação a quem ele se dirige. E presente não simplesmente através das informações que fornece sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e seus fracassos, sua fortuna ou suas infelicidades; presente de um tipo de presença imediata e quase física. [...] a carta funciona como um olhar que se pousa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) é uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos.*

Para os militantes o viver parece consubstanciar-se na intensa experimentação das práticas sociais e da luta revolucionária. É dessa forma que as cartas escritas por Jane Vanini e guardadas por Dulce são também as memórias de uma paixão política alimentada pelos episódios vividos e experimentados por vários atores que, acreditando e encenando seus papéis, deixam suas marcas na simbologia de uma época - os anos rebeldes.

## NOTAS

- 
- <sup>1</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, prólogo.
  - <sup>2</sup> Carta de Jane Vanini, datada de 04.05.74, assinada por Jane.
  - <sup>3</sup> Carta de Jane Vanini, datada em 07.09.72, assinada por Ana.
  - <sup>4</sup> Carta de Jane Vanini, datada em 15.09.72, sem assinatura.
  - <sup>5</sup> CHARTIER, Roger. 2001, op. cit. p. 32-33.
  - <sup>6</sup> Trecho de entrevista com Dulce Ana Vanini, Rio de Janeiro, 2001.
  - <sup>7</sup> DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*, 1987, p. 57
  - <sup>8</sup> Trecho de entrevista com Suzana Lisboa, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional.
  - <sup>9</sup> MELO e CASTRO, E. M. de, *Odeio Cartas*. In: *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. Cia das Letras: 2000, p. 15.
  - <sup>10</sup> WERNWCK, M. H. "Veja como ando grego, meu amigo." *Os cuidados de si na correspondência machadiana*. 2000, p. 142.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de, WEIS, Luiz. *Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano d oposição de classe média ao regime militar*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da Vida Privada no Brasil: contraste da intimidade contemporânea* (org.) v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádya Batella (orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GROSSI, Yonne de Souza, FERREIRA, Amauri Carlos. *Razão Narrativa: significado e memória*. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 4, jun. 2001. São Paulo: ABHO, 2001.